

ACTAS DEL
VIII CONGRESO INTERNACIONAL
DE LA
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE
LITERATURA MEDIEVAL

SANTANDER

22-26 de septiembre de 1999

PALACIO DE LA MAGDALENA

Universidad Internacional

Menéndez Pelayo

Al cuidado de

MARGARITA FREIXAS Y SILVIA IRISO

con la colaboración de Laura Fernández

CONSEJERÍA DE CULTURA
DEL GOBIERNO DE CANTABRIA
AÑO JUBILAR LEBANIEGO
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL
SANTANDER

•MM•

ACTAS DEL
VIII CONGRESO INTERNACIONAL
DE LA
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE
LITERATURA MEDIEVAL

SANTANDER

CONSEJO DE ADMINISTRACIÓN
FACULTAD DE LA MAGISTERIA
UNIVERSIDAD DE CANTABRIA
41013 Santander, España

Alcaldes de

MARGARITA BRIBAS Y SILVIA BRISO
con la colaboración de la Asociación de la Universidad

@ Asociación Hispánica de Literatura Medieval

Depósito legal: SA-734/2000

Carolina Valcárcel

Tratamiento de textos

Gráficas Delfos 2000, S.L.

Carretera de Cornellá, 140

08950 Esplugues de Llobregat

Impresión

«TRANSLATIO AUCTORITATIS»

ISABEL DE BARROS DIAS

Universidade Aberta

É INTERESSANTE e curioso constatar a disparidade que existe na forma como algumas crónicas mais ou menos dependentes do trabalho compilatório levado a cabo no *scriptorium* do rei Afonso X de Castela e Leão tratam, ou não tratam, a matéria referente à História antiga.¹

Quanto aos textos mais próximos do *scriptorium* afonsino, esta parte parece ser um dos trechos mais facilmente sistematizáveis no que respeita à identificação dos manuscritos pertencentes às diversas versões, em flagrante contraste com a multiplicidade e desordem evidentes em secções posteriores.²

Porém, esta parte é completamente omitida noutros testemunhos que se foram autonomizando. Como exemplo pode ser referida a *Crónica de Veinte Reyes*³ que, a tomar em consideração a sua filiação na «versão crítica» afonsina, é impossível não reparar na disparidade entre a amplitude cronológica apresentada por uma e por outra.⁴ Independentemente da hipótese da tradição mais recente ter tido na

¹ É aqui tomado como representante paradigmático da *Estoria de Espanna* afonsina o seguinte texto: *Primera crónica general de España*, ed. R. Menéndez Pidal; reed. D. Catalán, Gredos, Madrid, 1977. As referências a este texto terão a seguinte forma: PCG, nº vol., nº pág. Apesar desta edição se basear num manuscrito composto onde se podem distinguir diversas mãos e distintas fases de composição, cabe, no entanto, salientar que para o período da História Antiga, este parece ser um texto definitivo composto no *scriptorium* de Afonso X e com o seu aval, o mesmo já não podendo ser dito para a totalidade do texto exibido nos manuscritos. E1-2. Sobre este assunto ver D. Catalán, *De Alfonso X al Conde de Barcelos*, Madrid, Gredos, 1962 e *idem*, *De la silva textual al taller historiográfico alfonsi –códices, crónicas, versiones y cuadernos de trabajo*, Fundación Ramón Menéndez Pidal e Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 1997.

² Sobre este assunto, ver a organização dos manuscritos efectuada por I. Fernández-Ordoñez, *Versión crítica de la Estoria de España*, Fundación Ramón Menéndez Pidal e Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 1993, pp. 315-332.

³ J.M. Ruiz Asencio e M. Herrero Jiménez (trans.), *Crónica de Veinte Reyes*, Ayuntamiento de Burgos, Burgos, 1991. Todas as referências a este texto terão a seguinte forma: Cr20R, nºpág.

⁴ Sobre este assunto ver I. Fernández-Ordoñez que supõe que a «versão crítica» seria provavelmente uma versão completa da *Estoria de Espanna* apesar de não se lhe conhecer qualquer representante da História Antiga (*Versión crítica*, I, p. 2) No entanto, o testemunho do manuscrito Ss já prova que a «versão crítica» começava em época anterior àquela em que a *Crónica de veinte reyes* dá início ao seu relato.

sua origem o uso de um manuscrito truncado, não se pode descartar a possibilidade da decisão consciente de ignorar um extenso bloco da história peninsular.⁵ A vontade de acentuar momentos mais próximos no tempo não é forçosamente razão suficiente para uma omissão tão longa e tão drástica. Com efeito, um texto como o da segunda redacção da *Crónica geral de Espanha de 1344*⁶ que procurou igualmente modificar o peso relativo da História antiga, utiliza a truncagem com bastante vontade mas sem proceder a um corte completo, limitando-se a efectuar a *abbreviatio* deste período. Aliás tanto mais interessante é a atitude da segunda redacção da *Crónica de 1344* em recuperar parte da História antiga quanto parece também existir no Ocidente Peninsular uma certa tensão entre a desvalorização, senão mesmo omissão deste período histórico e a sua recuperação. Com efeito, a *Traducción Gallega*⁷ ignora-a completamente e a primeira redacção da *Crónica de 1344*⁸ apresenta um texto ainda muito ligado à exposição mais tradicional, na sequência da historiografia de Eusébio-Jerónimo e, em tempos e espaços mais próximos, também usada pelo bispo de Tui.⁹ Trata-se de uma organização textual baseada na enumeração de acontecimentos, agrupados cronologicamente em blocos relativos às várias Idades do Mundo ou a diversas dinastias reinantes em distintas partes do Mundo. No entanto, e em comparação com as opções tomadas por parte da crónica mais estreitamente ligada à tradição afonsina, a preocupação de apresentar mesmo meras listagens deve ser integrada já numa linha de recuperação do passado mais remoto.

A relativa pouca importância atribuída e a liberdade modificadora com que algumas reelaborações da *Estoria de Espanna* foram encarando a História antiga torna-se paradoxal quando se pensa que este trecho da história é actualmente considerado como uma das partes da *Estoria de Espanna* cuja composição acabada se poderá atribuir com menos dúvidas ao labor do *scriptorium* afonsino ainda em vida e com o aval do rei Afonso X.¹⁰ É pois irónico que aqueles textos que, sendo produzidos em épocas

⁵ Sobretudo se for tido em conta a quantidade de manuscritos que narram os trechos mais recentes mas omitem os mais antigos. Sobre este assunto, ver a organização dos manuscritos referida na nota 2.

⁶ *Crónica geral de Espanha de 1344*, ed. L.F. Lindley Cintra, IN-CM, Lisboa, 1956-1990. As referências a este texto terão a seguinte forma: 1344b, nº vol, nº pág.

⁷ *La traducción gallega de la «Crónica general» y de la «Crónica de Castilla»*, ed. R. Lorenzo, Instituto de Estudios Orensanos «Padre Feijoo», Orense, 1975. As referências a este texto terão a seguinte forma: *TradGal*, nº pág.

⁸ *I Edición crítica del texto español de la «Crónica de 1344» que ordenó el conde de Barcelos don Pedro Alfonso*, edd. D. Catalán e M.S. de Andrés, Gredos, Madrid, 1970 (edição parcial). As referências a este texto terão a seguinte forma: 1344a, nº pág.

⁹ *Chronicon Mundi Lucae Tudensis*, ed. A. Scott, *Hispaniae Illustratae*, IV, Frankfurt, 1608, pp. 1-116. As referências a este texto terão a seguinte forma: *ChrMun*, nº pág.

¹⁰ Sobre este assunto, cf. nota 1. Ver ainda os estudos de I. Fernández-Ordóñez, *Versión crítica, e idem*, «La Historiografía Alfonsí y Post-Alfonsí en sus textos –nuevo Panorama», *Cahiers de Linguistique Hispanique Médiévale*, XVIII-XIX (1993-1994), pp. 101-132 ou a colectânea de artigos de D. Catalán, *La Estoria de España de Alfonso X –creación y evolución*, Fundación Ramón Menéndez Pidal e Universidad Autó-

posteriores, mas que se associam à Autoridade que o nome do rei sábio representa não se coíbam de ignorar, escamotear ou modificar um dos trechos mais próximos daquele cujo nome incorporam.

Este facto pode, com efeito, ser provocado, em parte, pelo desejo de privilegiar a narrativa dos domínios mais recentes e também ideologicamente mais presentes como o dos godos que, de acordo com os argumentos do ideal neo-gótico, cuja verosimilhança era então trabalhada e acentuada, constituíam a imagem que os diversos soberanos cristãos tentavam reconstruir com maior ou menor sucesso de acordo com as suas possibilidades e interesses. Este será o caso da segunda redacção da *Crónica de 1344* que acentua o peso textual relativo da fase da soberania goda na Península em detrimento da história dos tempos anteriores.¹¹ Já a primeira redacção desta *Crónica* reduz consideravelmente o espaço dedicado a todos os senhorios anteriores à invasão muçulmana. Ainda mais radicais, a *Traducción gallega* ou a *Crónica de veinte reyes* limitam a sua narrativa às «gestas» da Reconquista cristã.

Por outro lado, também se poderá considerar a vontade, tantas vezes explicitada, de cumprir com um intuito primordial assumido inclusive pela *Estoria de Espanna*: a elaboração de um texto centrado nos acontecimentos ocorridos na Península Ibérica. Este argumento, que já pode ser detectado na *Historia de rebus Hispanie* do arcebispo de Toledo,¹² é assumido no prólogo afonsino e, a partir daí, vai marcar diversas Crónicas subsequentes.¹³ No entanto, para o texto afonsino esta baliza era encarada com uma certa flexibilidade pois os redactores não se coíbiam de narrar acontecimentos que só de forma indirecta teriam que ver com a história peninsular, não se esquecendo de explicar, em tom meio justificativo, meio de chamada de atenção, que:

Mas por que en los fechos de los romanos tanne mucho de los de Espanna, por esso non podemos escusar que non fablemos dellos (PCG, I, 84b).

noma de Madrid, Madrid, 1992. Todos estes trabalhos tentam ordenar e relativizar as diversas versões da *Estoria de Espanna* nas suas distintas secções.

¹¹ A segunda redacção da *Crónica de 1344* dedica à «História Antiga» uns meros 45 capítulos (do capítulo I ao LXXX, aos quais se descontam os 35 capítulos da descrição de Espanha cuja fonte será a *Crónica do Mouro Rasís*) enquanto que o domínio dos Godos segue do capítulo LXXXI ao CCXIV num total de 224 capítulos. Em flagrante contraste mas apresentado dimensões textuais muito mais equilibradas, a PCG narra a História Antiga do capítulo 1 ao 364 e a «História dos Godos» do 386 ao 565.

¹² *Historia de rebus Hispanie sive Historia gothica Roderici Ximenii de Rada*, ed. J. Fernández Valverde, Brepols, Turnhout, 1987. As referências a este texto terão a seguinte forma: DeRH, nº pág.

¹³ «E por end Nós don Alfonso ... mandamos ayuntar quantos libros pudimos auer de historias que en alguna cosa contassen de los fechos d'Espanna, et tomamos ... las que pudimos auer que contassen algunas cosas del fecho d'Espanna, et compusimos este libro de todos los fechos que fallar se pudieron della, desde el tiempo de Noé fasta este nuestro» (PCG, I, 4). Este intuito é reproduzido no Prólogo da segunda redacção da *Crónica de 1344* (1344b, II, 6-7) onde só o sujeito é alterado da primeira para a terceira pessoa; e ecoado no texto de don Juan Manuel (*CrAbr*, 575-576). Convém ainda não esquecer que esta intenção já se encontra explicitada, em termos muito semelhantes no *De rebus Hispanie* (DeRH, 6-7).

Já em textos posteriores, o ideal de construir uma história peninsular foi encarado de um modo bastante mais estreito. O resumo que fez don Juan Manuel¹⁴ é paradigmático desta tendência pois uma das linhas-mestras em que se baseia a sua síntese é precisamente a da circunscrição geográfica, sendo frequentes as alusões do tipo «mas por que non son fechas granadas nin contesció ninguna dellas en Espanna, non lo ponemos en este libro» (*CrAbr*, 625) ou «non dizen ninguna cosa que cunpla poner en este libro» (*CrAbr*, 620). As passagens correspondentes ao uso deste *topos*, na «versão régia», são precisamente narrativas de acontecimentos extra-peninsulares ou referências a Papas, Imperadores ou Reis estrangeiros contemporâneos. O *topos* em questão já pode ser encontrado, com alguma frequência, no texto «oficial» da *Estoria de Espanna*,¹⁵ no entanto, é nas crónicas subsequentes que a tendência para eliminar narrativas com base neste argumento adquire contornos cada vez mais omnipresentes.

Porém, o argumento da restrição geográfica também não pode ser considerado suficiente para justificar a truncagem mais ou menos completa da História antiga. Com efeito, apesar desta tranche da história ser dominada por potências extra-peninsulares, trata-se de um momento da vida da Humanidade que também inclui, forçosamente, factos que tiveram lugar em solo Ibérico. No que diz respeito a esta questão, o caso da segunda redacção da *Crónica de 1344* é curioso pois parece pretender limitar-se a relatar situações que tiveram lugar em solo ibérico, optando por eliminar trechos que se centrariam em acontecimentos extra-peninsulares. No entanto, a crónica portuguesa põe em prática este pressuposto da selecção geográfica de uma forma muito duvidosa senão mesmo incoerente, a não ser que se tenha em conta alguns factores que rodeiam uma última hipótese que deverá ser colocada: a da perda ou modificação do sentido que o período da História antiga teria para a construção da lógica global da *Estoria de Espanna*.

Apesar do peso e da importância que as diversas hipóteses já enumeradas terão tido, esta última parece ser a questão de fundo a colocar. Na sequência da chamada de atenção do texto régio acima enunciada, pode concluir-se que Afonso X assume que a narração de determinados acontecimentos da Antiguidade mesmo que não tenham tido lugar na Península Ibérica, têm relevância para a história desta. Mas se a narração deste período histórico tem razão de ser para o rei sábio, esta importância é escamoteada quer em textos posteriores, como a *Crónica de veinte reyes*, quer no texto anterior mais próximo, a *Historia de rebus Hispanie* do arcebispo de Toledo que opta por passar do domínio mítico de Hércules e Espan para o período godo. Com Afonso X, pelo contrário, a «História antiga» adquire sentido para a Península na medida em

¹⁴ «Crónica Abreviada», em don Juan Manuel, *Obras completas*, ed. J.M. Cacho Bleuca, Gredos, Madrid, 1983, vol. II. As referências a este texto terão a seguinte forma: *CrAbr*, nº pág.

¹⁵ O *topos* que corta o desenrolar da narrativa com o argumento da sua falta de relevância (ex: «Desde lo treynta et sex annos fasta los treynta et nueue no fallamos escripto ninguna cosa que de contar sea» *PCG*, I, 107b) ou da ausência de fontes (ex: «Del anno ueynteno no fallamos escripto ninguna cosa» *PCG*, I, 114b) é bastante frequente, sobretudo em final de capítulo.

que é neste período que o território em questão pode ser integrado com mais eficácia nas grandes linhas da evolução geral do Mundo. E é a partir desta lógica que a História se poderá circunscrever posteriormente nos limites territoriais ibéricos sem com isso trair o seu sentido mais lato. Com efeito, é no Período Antigo que se iniciam as lógicas «de longa duração» que, teoricamente, conheceriam o seu acabamento e eclosão na Espanha de Afonso X.¹⁶ Para compreender esta lógica geral subjacente há que chamar a atenção para toda uma série de alusões que recorrem com uma certa frequência e que apontam no sentido da concretização de um destino imperial.

Esta convicção vai tomar o seu lugar no seio de um conjunto mítico de Autoridade e Antiguidade incontestáveis, ou seja, toda a lógica da *translatio* (seja ela de poder ou de saber) que transmigraria ao longo dos tempos e à imagem do curso solar, desde as terras mais longínquas do Oriente até ao Ocidente. É sobejamente conhecido o aproveitamento literário e político que esta imagem teve ao longo do tempo pseudo-preconizando ou confirmando diversas passagens de poder e de centros culturais. Afonso X parece ter também tentado levar esta noção um pouco mais longe... e um pouco mais a Ocidente. Não pode pois ser inocente a explicação dada a um dos diversos sinais que marcaram o nascimento de Jesus Cristo. Este acontecimento, que teria ocorrido na Península Ibérica já tinha sido narrado anteriormente, mas de forma meramente circunstancial, por Lucas de Tui (*ChrMun*, 29). Afonso X, por seu turno, não hesita em verbalizar algumas interpretações possíveis:

Otrossí fallamos en las estorias que a aquella ora que Ihesu Cristo nasció, seyendo media noche, apareció una nuue sobre Espanna que dió tamanna claridat et tan grand resplendor et tamanna calentura cuemo el sol en medio día quando ua más apoderado sobre la tierra. E departen sobresto los sabios et dizen que se entiene por aquello que, después de Ihesu Cristo, uerní su mandadero a Espanna a predigar a los gentiles en la ceguedat en que estauan, et que los alumbrarí con la fe de Cristo; et aqueste fue sant Paulo. Otros departen que en Espanna auie de nacer un príncep cristiano que serié señor de tod el mundo, et ualdrié más por el tod el linage de los omnes, bien cuemo esclareció toda la tierra por la claridat daquella nuue en quanto ella duró (*PCG*, I, 108b).

Este discurso vai articular-se com a convicção na concretização da profecia de Daniel que recupera o tópico historiográfico bem antigo segundo a qual o Mundo veria sucederem-se quatro grandes impérios aos quais o rei sábio faz alusão explícita:

Quatro son las partes del mundo segund los sabios antiguos las nombraron: Orient, Occident, Septentríon, Mediodía; e segúnd aquesto fueron quatro los emperios que sennorea ron el

¹⁶ A hipótese que, de acordo com o plano inicial da *Estoria de Espanna*, esta terminaria com a sobreposição do Sacro Império e do Império Hispânico na pessoa de Alfonso X foi colocada por Charles F. Fraker no artigo «Alfonso X, the Empire and the *Primera crónica*», em *The Scope of History-Studies in the Historiography of Alfonso el Sabio*, Ann Arbor, The University of Michigan Press, Michigan, 1996, pp. 155-169.

mundo: el primero Babilonia a parte d'Orient en el tiempo del rey Nino; el segundo a parte de Mediodía en Áffrica, en Cartago la grand, en tiempo de la reyna Dido; el tercero en Macedonia a parte de Septentrión en el tiempo d'Alexandre; el quarto en Roma a parte d'Occident en tiempo de Julio César (PCG, I, 15b).

Este tema é repetido e acentuado na *General Estoria*¹⁷ que, tratando-se de uma História Universal, dá a Afonso X a possibilidade de se expandir no tratamento amplificado dos diversos Impérios.

A lógica da *Estoria de Espanna* constrói-se pois com base e a partir das afirmações dos «sábios da Antiguidade». Neste contexto adquire também sentido a recorrência de situações onde alguém deixa um sinal para o futuro ou encontra um sinal do passado cuja concretização lhe estava destinada. Muitos destes sinais já foram descobertos e interpretados como é o caso dos deixados por Hércules para Júlio César ou para o último rei Godo da Península¹⁸ ou ainda daquele que o rei Rotas deixou para Rómulo.¹⁹ No entanto, ainda há sinais e profecias por concretizar que, pelo menos no trecho reservado à História antiga da «versão régia» da *Estoria de Espanna*, apontam para a eclosão do último Império que a Ocidente dominará o Mundo e que:

en estos dos principados de los césaes et de los emperadores desde ellos començaron duró el sennorío del imperio de Roma fastal nuestro tiempo (PCG, I, 86b).²⁰

A Antiguidade revela-se pois essencial para a construção do presente, pelo menos como Afonso X parecia idealizá-lo. É a partir da Antiguidade que é possível construir

¹⁷ O tema é colocado no início desta obra monumental como sendo uma profecia vinda de tempos imemoriais enunciada primeiramente por um filho de Noé: «e dýxol Yonito como prophetando gelo, que quatro regnos se auíen aýna a leuantar por principales enel mundo: ell uno de parte de orient, e este serié delos de Assiria; ell outro de septentrión, e este es de los citas; el outro de parte de medio día, e este el de Egipto, el quarto en occidente, e serié el delos de Sithionia. Et que primero regnarién los de Cam donde fue el rey Belo, empós essos los de Sem, como los de Media e Persia e los Griegos, después que regnarién los de Sem e de Japhet en uno, e desí, acabados los otros tres regnos, que regnarién en cabo los de Japhet solos, como fizieron después de todos los otros; et fueron estos los romanos que son de parte de occident» (Afonso el Sabio, *General Estoria, Primera Parte*, ed. A.G. Solalinde, JAEIC-CEE, Madrid, 1930, p. 40). O assunto é posteriormente ecoado, por exemplo, nas pp. 79 ou 614.

¹⁸ Ou seja a estátua que Hércules deixa para assinalar o lugar onde Júlio César viria a fundar Sevilha (PCG, I, 8b-9a e 92a) e a «casa de Hércules» que encerra o segredo e a fatalidade da invasão muçulmana (PCG, I, 307).

¹⁹ O rei Rotas, uma personagem mítica vinda do Oriente e detentor do saber do passado, do presente e do futuro (PCG, I, 12b-14a), ao passar pelo local onde Roma seria fundada, escreve as quatro letras que compõem o nome desta cidade em dois mármores que foram posteriormente encontrados por Rómulo que, porque concordavam com o seu próprio nome, pôs à cidade «Roma» (PCG, I, 13a e 85a).

²⁰ Este tema, na *General Estoria*, é levado ao extremo da analogia entre o fim do mundo romano e o fim dos tempos: «E segund departe otrossí maestre Pedro, en esta profecía prophetó Balaam el sennorío delos romanos que ouieron sobre tod el mundo, e el destruymiento dellos en cabo delos tiempos», ed. A.G. Solalinde, p.673.

um esquema global que carregue de sentido quer o presente quer a história em geral. Tendo estes elementos em consideração torna-se mais eloquente todo o interesse do rei sábio pelos diversos momentos expansionistas ou Imperiais, nos quais o Mundo ou, pelo menos a Península Ibérica, constituíram um todo unido. É bastante notório o facto do texto afonsino se expandir na narrativa das aventuras de Dido ou de Júlio César, apesar de, no que respeita ao Império Cartaginês se verificarem algumas reservas por causa da sua origem africana, o que é compreensível, considerando a proximidade e premência da ocupação muçulmana.²¹ Por outro lado, os Imperadores que de alguma forma estão ligados à Península são objecto de atenções especiais, senão de retratos mais elogiosos ou benevolentes.²² Ainda no que respeita a este assunto, será de notar também a atenção atribuída às descrições de Augusto e de Constantino, dada a sua importância, o primeiro porque era o soberano em cuja época nasceu Cristo e porque foi aquele com quem o Império se estabilizou, o segundo porque foi o Imperador sob o qual se dá a conversão ao cristianismo.²³ O texto afonsino detém-se ainda para referir os diversos momentos em que a Península se encontra unificada seja sob o domínio mítico de Hércules e Espan, seja sob os Romanos, seja sob outros senhores significativos, como os Godos. A visão centralizadora e Imperial do rei sábio conflui assim sobre a unidade da Península Ibérica e, a um nível mais geral, sobre a unidade Imperial Romana e a sua continuidade em épocas mais recentes. Paralelamente, Afonso X procura sempre salientar o valor e a importância da *Hispania* no seio do Império Romano,²⁴ o que vai funcionar como uma forma de projecção daquela que na realidade era uma entre as diversas províncias do império.

Estamos pois perante uma série de vectores discursivos que concorrem para a formação de uma teia argumentativa centrada num ponto chave: a eclosão de um Impé-

²¹ Esta polarização entre a Europa e a África é sintetizada na seguinte afirmação: «e otrossí por que teniën que era más razón de tener com los romanos, que eran de parte de Europa, que non com los de Carthago, que eran de África» (PCG, I, 19b).

²² Galba é eleito Imperador em Espanha no intuito de pôr fim à soberania opressiva de Nero (PCG, I, 127a), os bons Imperadores Nerva e Trajano eram naturais da *Hispania* (PCG, I, 141b-145a) assim como o sábio e estudioso Adriano (PCG, I, 145b-149a).

²³ Sobre este assunto ver Ann Garrison Moncayo, *The Use of Rhetoric in Biographical Portraits of the 12 Roman Emperors in Alfonso X's «Primera crónica general»*, (The University of Michigan, Ph.D., 1993) UMI – Dissertation Information Services, 1996.

²⁴ Sobre este assunto ver I. de Barros Dias «Romanos, senhores de toda a terra?», em Isabel Allegro, João Barrento, Silvina Rodrigues Lopes e Fernando Cabral Martins, coord., *Literatura e Pluralidade Cultural. Actas do 3º Congresso Nacional da A.P.L.C. (1998)*, Colibri, Lisboa, 2000, pp. 527-537. Ainda muito significativo é o seguinte trecho: «E quedó de guerras estonce Espanna, et ficó toda assesegada so el sennorio de los romanos por Ponpeyo. Sobre las razones desta conquista de las Espannas se comenzó a descubrir el fecho por o fueron después a tiempo mudadas las maneras del sennorio de Roma, et los regnos todos ayuntados en uno, et los sennorios en un sennor solo. E el fecho por o esto vino descubriósse en este Ponpeyo el grand, et cumpliósse en Julio César, et firmósse en César Augusto» (PCG, I, 56b).

rio seja ele Ibérico ou Europeu-Romano e que atingiria o seu apogeu sob a liderança Hispânica.

A modificação do interesse posterior pela História antiga poderá, de certa forma ser equacionado com o facto dos ideais de Afonso X não terem tido o destino esperado. Dada a impossibilidade de vislumbrar uma concretização mais ou menos imediata de uma *translatio imperii* radical para o Ocidente Europeu, e independentemente de alguns manuscritos continuarem a transcrever a narrativa integral «Autorizada» pela tradição, também não será estranho que alguns textos, como é o caso dos representantes da *Crónica de Veinte Reyes* optem por se centrar em acontecimentos mais próximos. Nesta *Crónica*, assim como na *Traducción Gallega*, a lógica afonsina segundo a qual o passado projecta de alguma forma o seu sentido no presente perde-se completamente.

Já nos textos que optaram por contar a História antiga de outra forma, como é o caso das duas redacções da *Crónica de 1344*, outros elementos estarão em jogo. Sobretudo no que diz respeito à segunda redacção deste texto parece ser possível constatar que aí se verifica um processo consciente de desconstrução do edifício ideológico afonsino.

A primeira redacção da *Crónica de 1344* assume ainda o facto do Antigo Império Romano continuar como Sacro Império, o que está patente na listagem que apresenta «Del ynperio de los rromanos» (1344a, 5-10).²⁵ No entanto, para os tempos mais recentes não fala das pretensões de Afonso X, limitando-se a referir o «Grande Interegno»²⁶ e termina em tom de decadência com a alusão às dissensões entre o Papa e o Imperador.²⁷ As características do trecho da História antiga nesta crónica afastam-se consideravelmente do estilo afonsino, com listagens bastante secas onde os laivos de efabulação são mínimos, o que levou a que fosse considerado como um texto ainda um pouco na sequência da tradição das Crónicas Universais.²⁸

²⁵ Listagem que de certa forma ecoa as preocupações do rei Sábio, enunciadas, nomeadamente, na *General Estoria* onde se constrói um interessantíssimo trato sucessivo onde é dada especial atenção aos familiares de Afonso X que constituíram a linha que ele pretendia continuar: «Et del linage deste Júppiter uino otróssi el grand Alexandre, ca este rey Júppiter fallamos que fue el rey deste mundo fastal día d'oy que más fijos et más fijas ouo, e condes de muy grand guisa todos los más, e reynas, como uos contaremos en las estorias delas sus razones; e dél uinieron todos los reyes de Troya, e los de Grecia, e Eneas, e Rómulo, e los césares, e los emperadores; e el primero don Frederico, que fue primero emperador delos romanos, et don Frederic, su nieto el segundo deste don Frederic, que fue este otróssi emperador de Roma que alcançó fastal nuestro tiempo, e los uienen del linage dond ellos e los sos, e todos los altos reyes del mundo dél uienen; et por tan grand saber e poder, e por tantos bienes et muchos más quelos que auemos contados aquí que auíen en el rey Júppiter, fue el senyor de toda Europa e de todos los pueblos della», ed. A.G. Solalinde, pp. 200-201.

²⁶ «Después fasta grandes tienpos no quisieron fazer outro enperador» (1344a, 10).

²⁷ «E después deste, a cabo de tienpo, esleyeron outro enperador que ovo nonbre Loys, duc de Bavaria, e fizo se coronar en Roma e en Milán, como quier que el papa no lo quesiera confirmar por enperador nin ponelle la corona» (1344a, 10).

²⁸ Sobre este assunto ver D. Catalán e M.S. de Andrés, edd., *I Edición Crítica*, pp. XVI-XVII.

Já a segunda redacção retoma o modelo afonsino mas não tem o menor escrúpulo em intercalar trechos de outras fontes²⁹ e em ignorar extensas passagens numa *abbreviatio* flagrante.

Esta redacção da *Crónica de 1344* parece querer recuperar um pouco da narrativa afonsina da História antiga mas fá-lo sem grande respeito pelo que teria sido o seu Modelo. Este facto pode dever-se a desconhecimento mas não é possível deixar de colocar a hipótese de uma opção consciente ao verificar que os cortes e a *abbreviatio* vão no sentido de uma franca rotura com os ideais imperialistas anteriormente defendidos. Isto apesar da desculpa textualmente apresentada ir na linha do já muito usado argumento de uma selecção de acontecimentos com base geográfica:

E, por que esta estoria dos que conquistaron as Spanhas ataa os Godos, fala de muytos que en ella veheron a conquistar, he forçado, por a hordenança da storya hir derecha, que, daqueles príncipes que en ella veheron e fizeram grandes feitos, que nos os metamos na estoria algũas vezes, tomando hũas cousas pequenas que fazem hordenança na scriptura, ainda que non tangam muyto aos feitos d'Espanha, e leixando algũus outros grandes feitos que elles fizeram que non pertença esta estoria (1344b, II, 76).

Em franca clivagem com esta argumentação, alguns acontecimentos mais genéricos são referidos³⁰ e, paradoxalmente, são esquecidos muitos factos que dizem efectivamente respeito à Península Ibérica. É o caso de referências dispersas a sucessos diversos ocorridos na *Hispania* sob a soberania dos diferentes Imperadores³¹ e que por vezes chegam a atingir dimensões consideráveis como é o caso da revolta de Sertório, completamente omitida.³²

De acentuar ainda como estes cortes também englobam as referências à construção imperial afonsina. São assim omitidas as alusões às diversas profecias (seja a da sucessão dos quatro Impérios, seja a que ocorre aquando do nascimento de Cristo) ou a narrativa das vidas dos Imperadores de origem Ibérica.

Também a omissão das amplificações mais líricas³³ ou mais tensas³⁴ dependentes de fontes antigas reelaboradas parece tanto mais paradoxal quanto o gosto e a permeabi-

²⁹ Caso do louvor e da descrição geográfica da Espanha, já presentes na Primeira redacção desta Crónica. Este trecho terá como fonte a *Crónica do mouro Rasis*.

³⁰ Caso da enumeração das quinze batalhas de Anibal com os Romanos (1344b, II, 84-86).

³¹ Nomeadamente as referências às diversas revoltas peninsulares (PCG, I, 52a, 60b ou 63b, por exemplo).

³² PCG, I, 55b-56b.

³³ Caso de Dido (PCG, II, 31a-44a). No entanto, há que ter em conta como Afonso X salienta o facto desta rainha ser a representante de um dos quatro grandes impérios mundiais, o que poderia ser um elemento de peso para o esquecimento destes episódios por uma crónica que desejasse desconstruir a visão imperialista patente no modelo que adapta. Acresce ainda o facto da maioria dos acontecimentos que constituem a história da rainha Dido terem lugar fora da Península Ibérica.

³⁴ Caso dos discursos argumentativos dos tribunos romanos presentes na PCG, I, 20b-21a mas omitidos na 1344b, II, 91.

lidade à expansão romanesca é patente noutros trechos. É o caso da história de Hércules que o texto português amplia, ornamenta e intensifica com discursos directos, descrições e cartas de desafio criando para o herói grego um ambiente cavaleiresco «avant la lettre». No entanto, não é impossível fazer uma leitura que também enquadre estas modificações na linha de uma evolução bastante consciente no sentido da modificação da lógica global da «Crónica de Espanha» levado a cabo pelo texto português.³⁵

As intenções de cada texto variam necessariamente de acordo com o espaço e o tempo em que são produzidos. No período medieval, este processo torna-se tanto mais interessante quanto se faz sentir a necessidade de apoio em textos anteriores que dêem crédito ao que se apresenta. Afonso X foi uma Autoridade que, apesar da sua modernidade, se impôs tendo sido amplamente aceite, como o demonstram a divulgação dos textos provenientes do seu *scriptorium* ou a fama de patrono cultural que deixou para a posteridade.³⁶ Os textos que se associaram ao seu nome entram assim no jogo da construção da Autoridade, pois um texto tem tanto mais autoridade quanto é utilizado em trabalhos subsequentes e esses textos só podem construir a sua credibilidade com base na quantidade e qualidade das Autoridades que integram.³⁷ Os casos de desvio de Autoridades anteriores integra-se plenamente nesta lógica, sendo este um factor que raramente está ausente mesmo da cópia que se pretenda menos *sententialiter* e mais *verbaliter*.³⁸ A hipótese de uma desconstrução consciente levada a cabo sobretudo pela segunda redacção da *Crónica de 1344* ganha ímpeto quando se considera que na segunda metade do séc. XIV a primeira dinastia portuguesa se aproxima do seu fim, o país encontra-se em plena crise e a ameaça de invasão castelhana era algo mais próximo do que uma mera hipótese. Dado este contexto não espanta que surja uma certa necessidade de (re)construir a História peninsular. Para tal, fac-

³⁵ Sobre este assunto ver I. de Barros Dias, «Le Duel des Géants», en *L'Antichità nella Cultura Europea del Medioevo*, edd. R. Brusegan, A. Zironi, A. Berthelot e D. Buschinger, Reineke-Verlag, Greifswald, 1998, pp. 195-205.

³⁶ Seja na obra do seu sobrinho, don Juan Manuel (*CrAbr*, 575-576) seja na continuação da *Crónica de 1344*, IV, 507-508.

³⁷ «Thus, both “authority” and “author” were conceived of entirely in textual terms, for an “auctor” is simply one whose writings are full of “authorities”. And an “author” acquires “authority” only by virtue of having his works retained “*sententialiter*” in the memories of subsequent generations ... Both the word *auctor* and the later synonym, *originalis*, are related closely to the traditional metaphor of literature as a great river flowing over time from a *fons* or “source”», M.J. Carruthers, *The Book of Memory*, Cambridge University Press, Cambridge, 1992, pp. 190-91. O tema é desenvolvido sobretudo no capítulo 6 deste livro.

³⁸ Ver R. Copeland, *Rhetoric, Hermeneutics and Translation in the Middle Ages*, Cambridge University Press, Cambridge, 1991. É de acentuar a importância das reflexões desta autora sobre a questão da apropriação e desvio do discurso nas traduções e comentários medievais e sua importância na constituição de línguas de cultura e de poder (*translatio studii e imperii*). Esta questão é tanto mais premente no que respeita às crónicas, quanto os textos históricos são obras em permanente devir onde as (re)elaborações raramente são absolutamente servis aos seus modelos anteriores.

